

EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE SEXUALIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

João Antonio da Silva Junior

Thais Arrigotti

Giovanna Delgado Mafezoli

Gabriela Bezerra de Oliveira Carvalho

Beatriz Rodrigues Bispo dos Santos Capaccioli

Maria Goreti da Silva Cruz

Ana Lúcia de Moraes Horta

RESUMO

Este estudo tem por objetivo relatar a experiência de uma ação de educação em saúde no Ensino Fundamental com o uso de metodologias participativas executada por um Programa de Extensão Universitária da área de enfermagem abordando a sexualidade e corporalidade. As ações ocorreram no período de outubro a novembro de 2016, com estudantes do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada na zona sul da cidade de São Paulo, selecionadas a partir da demanda da escola. Para os participantes, observou-se que puderam construir uma reflexão consistente sobre sexualidade e a importância de doenças relacionadas. A experiência adquirida neste trabalho trouxe aos extensionistas uma visão ampliada da realidade do trabalho de educação em saúde.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Adolescentes. Família. Escola.

EXPERIENCE OF HEALTH EDUCATION ON SEXUALITY IN FUNDAMENTAL EDUCATION

ABSTRACT

This study aims to report the experience of participatory methodologies in health-related elementary education. This program was implemented by a University Extension Program in nursing to address sexuality and corporality. This report is based on the experiences of extension workers during their health education interactions with primary school adolescents. These interactions occurred between October and November of 2016 with elementary school students from a state public school in the southern region of the city of São Paulo. It was observed that participants were able to construct a consistent reflection on sexuality and the importance of related diseases. The knowledge gained in this work provided the extension workers with an expanded view of the reality of health education with adolescents.

Keywords: Sexual education. Sexuality. Adolescents. Family. School.

EXPERIENCIA EN SALUD EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD EN EDUCACIÓN PRIMARIA

RESUMEN

Este estudio tiene por objeto informar de la experiencia de una acción de educación para la salud en la escuela primaria con el uso de metodologías participativas realizadas por un campo de la enfermería Programa de Extensión de la Universidad de abordar la sexualidad y lo físico. Se trata de un relato de experiencia basada en la extensión de experiencias en actividades de educación sanitaria con niños de escuela primaria. Las acciones se llevaron a cabo en el período de octubre a noviembre de 2016, con los estudiantes de la escuela primaria en una escuela pública ubicada en la zona sur de Sao Paulo. Para los participantes, se observó que pudieron construir una reflexión consistente sobre sexualidad y la importancia de enfermedades relacionadas. La experiencia adquirida en este trabajo trajo a los extensionistas una visión ampliada de la realidad del trabajo de educación en salud.

Palabras clave: Educación sexual. La sexualidad. Los adolescentes. Familia. Escuela.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é considerado adolescente o indivíduo que esteja entre 10-19 anos ([WHO, 1986](#)). Este é um período de transição entre a infância e a vida adulta, aonde ocorre o desenvolvimento mental, físico, social e esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade em que vive. A Organização das Nações Unidas ainda define juventude o período dos 15 aos 24 anos ([EINSENSTEIN, 2005](#)). No Brasil, a lei 8069/90 que estabeleceu o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define como adolescência o período dos 12 aos 18 anos de idade ([BRASIL, 1990](#)).

A adolescência é uma fase em que o adolescente passa por transformações, e, conseqüentemente, a família passa por um processo de adaptação, uma vez que possui papel de ser fonte de segurança, afeto, compreensão e educação ([COSTA et al., 2015](#); [PATIAS et al., 2013](#)). Dentre as questões que mais permeiam a vida do adolescente e que lhe causam inúmeros questionamentos estão as relacionadas à sexualidade e aos aspectos que envolvem a prática sexual, muitas vezes sua fonte de esclarecimentos a mídia ([CARDOSO & SILVA, 2013](#)). Os adolescentes também sentem dificuldade em conversar com seus familiares, independente de sua configuração, na maioria dos casos recorrem a outras fontes, como amigos ou a mídia (internet, televisão), por sentirem que não há abertura para estabelecer esse diálogo com sua família ([ALBUQUERQUE et al., 2014](#)). Em outra pesquisa, os autores reforçam a importância dos profissionais de saúde se aproximarem dos adolescentes para promover a discussão sobre sexualidade e os aspectos que a envolvem ([SILVA et al., 2015](#)).

Nas escolas, para tentar suprir a necessidade do ensino relacionado à educação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), com o fascículo sobre Orientação sexual propõe um norteamiento sobre a discussão do tema ([BRASIL, 1997](#)). Ainda dentro do ambiente escolar o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE) tem por objetivo contribuir para a formação integral dos estudantes da educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde ([BRASIL, 2007](#)). Contudo, [Russo & Arreguy](#)

(2015) mostram que ainda há um distanciamento da escola com relação à implementação do PSE e das medidas voltadas ao campo da orientação sexual que engloba: a prevenção de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e gravidez na adolescência. Os autores ressaltam a importância de medidas como a distribuição do preservativo masculino para abrir o debate sobre o tema na escola. Porém, na prática observa-se a necessidade de ampliar o conhecimento e as ações sobre sexualidade. Sendo assim, a escola possui um importante espaço para que haja a concretização de ações de educação em saúde que possam subsidiar discussões amplas e plurais ante o aspecto abrangente da sexualidade, considerando a transversalidade do tema sexualidade dentro da escola (PALMA et al., 2015).

Neste contexto, é fundamental que os adolescentes tenham conhecimento acerca dos eventos fisiológicos que ocorrem, provocando mudanças em seu corpo, bem como informações a respeito de medidas para a prevenção de IST, com vistas a promover ações que considerem as dimensões biopsicossociais (SOARES et al., 2015). O enfermeiro, neste sentido, pode desempenhar um papel importante no que diz respeito ao desenvolvimento de ações de educação em saúde dentro da escola, pois uma de suas funções está em promover a formação do conhecimento em saúde individual e coletiva, de acordo com a realidade dos indivíduos e seu grupo social (COSTA et al., 2013).

Considerando a importância de se abordar a temática dentro da escola com o intuito da prevenção e promoção à saúde e do papel do enfermeiro, enquanto educador em saúde, o graduando em enfermagem tem por meio da participação em Programas de Extensão uma vivência rica em troca de experiências deste com o conhecimento popular adquirido na comunidade, e a possibilidade de se inserir à realidade a qual irá enfrentar enquanto futuro profissional, como destacam Oliveira e Almeida Júnior (2015):

[...] a Extensão universitária colabora para que o futuro profissional tenha uma aproximação com o mundo real, concreto. Logo, estimular alunos a participarem de ações de Extensão que tenham ênfase na questão social é imprescindível para uma formação de um profissional crítico e reflexivo.

Desta forma, levando em conta o exposto, este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de uma ação de educação em saúde no Ensino Fundamental com o uso de metodologias participativas executada por um Programa de Extensão Universitária da área de saúde coletiva abordando a sexualidade e corporalidade.

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

Este trabalho trata-se de um relato de experiência baseado nas ações realizadas pelo Programa de Extensão Universitária “Lá Fora” da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Escola Paulista de Enfermagem (EPE). A demanda para a construção deste trabalho iniciou-se a partir de uma reunião junto ao coordenador de um Centro de Integração da Cidadania (CIC) da zona sul da cidade de São Paulo, onde foi discutido sobre quais poderiam ser as atividades propostas pelo Programa de Extensão “Lá Fora”, relacionadas à educação em saúde. Após essa reunião, uma escola estadual da zona sul de São Paulo foi selecionada como local para realização da oficina proposta pelos extensionistas, onde, antes das ações, houve uma reunião com a coordenação e os professores da escola designada, para que fosse possível explicar quais seriam os objetivos da oficina, o público alvo e poder sanar dúvidas que fossem relacionadas ao

conteúdo abordado, ao método de abordagem e outras pertinentes ao desenvolvimento das atividades. Durante a realização da oficina, também seria questionado, dentro de cada etapa construída, o que os estudantes conheciam sobre sexualidade e se havia diálogo com seus familiares. Além disso, durante uma semana, foi deixada uma caixa onde os estudantes poderiam colocar possíveis dúvidas que eles possuíssem com relação à sexualidade e corporalidade.

Os discentes participantes do Programa se organizaram para construção de uma oficina intitulada “Cuidando do corpo que habita”, a qual foi dividida em ações desenvolvidas no período de três dias (de outubro a novembro de 2016), com os estudantes do oitavo ano (com três salas participantes) e nono ano (com quatro salas participantes). Estes estudantes, de uma escola pública estadual, possuíam em torno de 13 a 16 anos. As ações foram compostas por quatro momentos denominados “estações”: a primeira discutia sobre o autocuidado envolvendo a observação do corpo e identificação de possíveis alterações; a segunda sobre doenças sexualmente transmissíveis; a terceira sobre métodos contraceptivos; e a quarta sobre gravidez na adolescência. Cada estação contou com uma estrutura organizacional diferente, como descrito a seguir:

Cuidando do corpo

A estação objetivou orientar sobre o cuidado com o corpo, mostrando a importância de se ter como rotina a prática da observação atenta e cuidadosa de todas as partes do corpo, dando destaque para os órgãos sexuais, que ainda são um tabu entre os adolescentes ([ALBUQUERQUE et al., 2014](#)). Pensando em levar esta discussão e reflexão aos jovens com intuito, de compreenderem a necessidade da observação diária do corpo, para identificação de possíveis alterações. Para tanto, esta estação foi baseada no diálogo ocorrido a partir de uma dinâmica de grupo que consistia em distribuir aos adolescentes folhas sulfites com desenho do contorno do corpo humano, para que com uma caneta destacassem a parte do corpo que observavam com mais frequência ou a parte que tinham observado em casa antes de irem para a escola.

A partir disso, os adolescentes relatavam voluntariamente as suas experiências com o corpo, as curiosidades e podiam tirar suas dúvidas acerca do tema. Os extensionistas que acompanharam esta estação mediavam as discussões, respondiam as dúvidas, incentivavam os jovens a debaterem sobre o assunto, realizavam orientações para procura dos serviços de saúde caso encontrassem alguma alteração e ensinavam os adolescentes a realizar o autoexame das mamas em protótipos feitos de tecido e espuma.

Métodos contraceptivos

Por meio de recursos expositivos e protótipos, os extensionistas mostraram aos adolescentes, nesta estação, os diversos tipos de métodos contraceptivos, ressaltando sempre a camisinha, seja a masculina ou a feminina, como o principal método contraceptivo e destacando para os jovens a importância do conhecimento e empoderamento sobre o assunto e uso dos contraceptivos para prevenção das IST e/ou uma gravidez indesejada. Portanto, era apresentado *slides* com fotos dos métodos e os extensionistas realizavam explicações sobre cada um fornecendo informações sobre o material de confecção, o uso correto, eficiência, adaptação, em caso de dúvida procurar por um médico que possa indicar o método contraceptivo mais adequado, além de tirar as possíveis dúvidas. Ao longo da

exposição foi aberto diálogo acerca dos métodos, para que os jovens se manifestassem sobre os que conheciam, e, da mesma forma, os adolescentes podiam, voluntariamente, expor suas experiências e contribuir para a discussão. Em seguida, os jovens eram convidados para tentarem colocar a camisinha masculina no protótipo do pênis e a camisinha feminina no protótipo da vagina da forma como julgassem correto, para que os extensionistas pudessem orientar sobre o uso do preservativo.

Jogo das doenças

Nesta estação os adolescentes tiveram a oportunidade de conhecer as principais doenças sexualmente transmissíveis, bem como seu modo de transmissão, seus sinais e sintomas, diagnósticos e tratamentos. Além destes esclarecimentos sobre as doenças, outro objetivo da estação era entregar ferramentas para que os jovens percebessem que todas as doenças podiam ser transmitidas por meio do sexo desprotegido. Assim, os extensionistas realizaram um jogo de adivinhação. Neste jogo, desenvolvido pelos autores, os adolescentes se dividiram em dois grupos e cada grupo recebeu um dado; foram expostos em uma mesa cartas com números de 1 a 9, no verso de cada carta tinham fotos de doenças sexualmente transmissíveis. Iniciava o jogo o grupo que tirasse o maior número no dado, este mesmo grupo deveria escolher um dos números e entregar a respectiva carta para um dos extensionistas, assim mostrava-se a foto da doença e questionava se o grupo sabia de qual doença se tratava; se não soubesse passava a vez para o outro grupo. Ganhava a brincadeira quem conseguisse adivinhar o maior número de doenças. A cada carta os extensionistas explicavam sobre a doença, respondiam as dúvidas, incentivavam os adolescentes a dialogarem sobre o tema com professores que possam contribuir, instruíam sobre a procura de profissionais da área da saúde e/ou serviços de saúde caso identificassem algum sinal ou sintoma, além de promoverem uma discussão e reflexão sobre o tema.

O semáforo da vida

Esta estação foi adaptada pelos extensionistas a partir de uma dinâmica proposta na “Revista Adolescer” ([ABEN, 2001](#)) da Associação Brasileira de Enfermagem, desenvolvida como forma de promover a reflexão sobre o tema, sendo neste caso, a gravidez na adolescência. A estação consiste em uma dinâmica que possui como elementos:

- Um grupo de adolescentes (mínimo de quatro, máximo de 20);
- Um semáforo confeccionado com EVA pelos extensionistas;
 - Bexigas coloridas com papéis, contendo as seguintes palavras-chave: companhia, gravidez na adolescência, aborto, responsabilidade, conhecimento, tristeza, adoção, experiência, medo, escolha, suicídio, cultura, convivência, felicidade, casamento, maternidade, paternidade, educação, mudança de rotina, apoio, afeto, amor, culpa, dificuldades, amigos, empatia, abandono, moradia, arrependimento, julgamento, preconceito, dinheiro, moral, futuro, maturidade, doença sexualmente transmissível (DST), saúde, influência e religião.

Os grupos de adolescentes ficaram dispostos em um círculo ao entorno do semáforo. Cada participante recebeu uma bexiga e deveria enchê-la e amarrá-la. Em um primeiro

momento, os extensionistas que estavam acompanhando fizeram uma breve explicação sobre a dinâmica, além de introduzir uma discussão perguntando sobre casos de gravidez na adolescência na família e quantos dos participantes conversavam com familiares próximos sobre sexo, para serem respondidas de forma voluntária. O semáforo da vida tem um significado, sendo vermelho como representante de muita dificuldade sobre o assunto; amarelo de dificuldade mediana e o verde pouca dificuldade. Para tanto, cada adolescente estourou sua bexiga e a partir da palavra-chave trazida, ocorreu uma discussão e reflexão conduzida pelos extensionistas. Posteriormente, o participante classificava a palavra dentre as cores do semáforo. Ao final da dinâmica, os extensionistas enquanto observadores ativos davam um breve retorno para o grupo com relação à disposição das palavras no semáforo e as discussões levantadas.

A ideia de montar estas quatro estações nesta ordem como descrito acima, tinha o intuito que os adolescentes refletissem sobre as consequências de não realizar a prevenção em saúde, neste caso, com enfoque para sexualidade e corporalidade. Em primeiro lugar é necessário que se conheça o próprio corpo e torne-se habito a observação e autoexame, pois sem estes cuidados básicos o corpo fica vulnerável ao desenvolvimento de diversas doenças. Se o indivíduo não se protege com o uso dos métodos contraceptivos, por exemplo, ele pode contrair doenças sexualmente transmissíveis ou chegar até uma gravidez indesejada. Assim, os extensionistas, enquanto futuros profissionais da saúde tiveram a oportunidade de realizar a educação em saúde levando aos jovens desta escola informações, discussões, reflexões e experiências de forma lúdica e criativa sobre temas que ainda são tabus na nossa sociedade.

IMPRESSÕES DOS EXTENSIONISTAS

Chama a atenção dos extensionistas a devolutiva dada pelos estudantes, da escola onde ocorreu a oficina, acerca dos temas debatidos durante as ações. No o início das atividades os estudantes eram questionados sobre o diálogo familiar sobre sexo, objetivando uma aproximação com os adolescentes e a promoção de discussões sobre as temáticas desenvolvidas em cada “estação”. Uma das impressões dos extensionistas foi que os adolescentes referiram conversar pouco com algum familiar sobre sexo. Quando os adolescentes alegavam que conseguiam ter algum diálogo com os adultos acabava por haver barreiras presentes nos discursos dos adultos, o que resultava em respostas infantilizadas, afastamento ou desvio do assunto. Levando-se em consideração esse aspecto, ressalta-se a importância da participação dos pais e família neste processo de diálogo com os adolescentes ([LIMA et al, 2013](#)).

Em contraponto, outros estudantes disseram conversar com algum familiar sobre sexo e estes possuíam melhor autonomia e liberdade para as discussões e reflexões durante as atividades em relação aos outros. Durante a realização das oficinas, nas narrativas dos participantes, foi evidenciado que ter um diálogo aberto com os pais e um bom relacionamento é um ponto de partida para vivenciarem com maior propriedade as descobertas da vida, tendo como reflexo as escolhas dos pais e suas orientações para enfrentamento de situações das quais ainda não possui experiência e/ou vivência suficiente para saber lidar ([MACEDO & CONCEIÇÃO, 2015](#)). Além disso, era um consenso entre os estudantes de que havendo diálogo com os familiares, seria muito mais fácil compreender as questões e as problemáticas que envolvem a sexualidade, pois segundo [Lima et al](#)

(2013) os pais têm a responsabilidade de serem os primeiros educadores sexuais dos adolescentes, no que diz respeito a mostrar os diferentes modelos de identidade sexual.

Antes de iniciar a oficina, foi deixada uma caixa na escola para que os estudantes pudessem, durante uma semana, escrever e colocar suas dúvidas sobre o tema sexualidade e corporalidade. Como resultado, os extensionistas produziram dois cartazes que foram deixados na escola, com as respostas sobre as dúvidas dos adolescentes. A elaboração destes cartazes, a partir das dúvidas dos próprios estudantes, corrobora com achados como os de [Moreira e Folmer \(2011\)](#), no que diz respeito à contribuição no desenvolvimento de materiais que os aproximem da temática.

Durante as atividades, os adolescentes trouxeram uma série de dúvidas, dentre as quais podemos destacar: 1) na estação “Autocuidado” – “Por que tenho que olhar sempre minhas partes íntimas?”; “Como a falta de higiene poderia levar a um câncer de pênis?”; “Como se faz a observação da vagina?”; “Por que tenho espinhas?”; “Por que tenho que me observar?”; 2) na estação “Jogo das doenças” – “Quais são as formas de transmissão e tratamento das DST’s?”; “As DST’s podem matar?”; “As DST’s têm cura?”; 3) na estação “Métodos contraceptivos” – “Qual o modo correto de colocar a camisinha?”; “Se colocar duas camisinhas protege mais?”; “Quais os efeitos colaterais da pílula do dia seguinte?”; “Quantas vezes eu posso usar a pílula do dia seguinte?”; 4) na estação “O semáforo da vida” – “Quais as consequências de se fazer um aborto?”; “Se eu abandonar a minha parceira grávida, quais são as leis sobre isso?”; “Meus pais têm que sustentar meu filho?”; “Como contar para os meus pais que estou grávida? Porque sou muito nova.”. Estas dúvidas foram discutidas em suas respectivas estações a fim de solucioná-las e como forma de problematizá-las e possibilitar que os adolescentes refletissem sobre os diversos aspectos que envolvem a sua corporalidade e sexualidade.

Os extensionistas puderam observar, sobre as atividades, que houve uma participação ativa dos adolescentes com relação aos assuntos abordados e as discussões propostas, de forma que pudesse proporcionar um momento reflexivo para ambas as partes, sendo para os estudantes uma oportunidade de debater a problemática e serem sujeitos ativos no processo de construção do seu próprio conhecimento, e para os extensionistas, um momento para propor uma discussão horizontal no sentido de ampliar ações educativas em saúde no âmbito escolar. Desta forma, pôde-se também sair exclusivamente do contexto curricular propriamente dito, para expandir a discussão sobre sexualidade de maneira transversal, respeitando-se as individualidades e proporcionando que os conhecimentos dos estudantes fossem compartilhados ([VIEIRA & MATSUKURA, 2017](#)).

A experiência de participar do “Programa de Extensão Lá Fora” enquanto extensionistas e futuros profissionais da enfermagem reitera a efetividade de ações de promoção e prevenção em saúde junto a jovens estudantes. A medida em que os assuntos foram problematizados, foi possível perceber que as orientações dadas tiveram significado e relevância, em razão de os adolescentes permitirem-se participar, trazerem suas experiências de vida de forma voluntária, terem curiosidade em ampliar o seu aprendizado e se transformarem em disseminadores de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficina realizada pelos extensionistas do Programa de Extensão “Lá Fora” proporcionou momentos de reflexão e aprendizagem para todos os envolvidos (adolescentes, extensionistas, professores e coordenadores), considerando que a

construção do conhecimento relacionado ao tema ocorreu de maneira participativa. Pode-se concluir com este trabalho que ações destinadas ao desenvolvimento do tema no espaço da escola devem ser ampliadas e aprimoradas, a fim de atingir um número maior de séries e que também envolva os familiares dos adolescentes, e assim ampliar e favorecer o diálogo no contexto familiar.

Os extensionistas do Programa de Extensão “Lá Fora” planejam uma ampliação das ações realizadas para os próximos anos, incluindo a escola onde foi realizada a oficina, desenvolvendo recursos: construção de cartilhas expositivas sobre os temas trabalhados durante a oficina (autocuidado, métodos contraceptivos, DST’s e gravidez na adolescência) e criação de um aplicativo para dispositivos móveis, a fim de trabalhar estes temas dentro do ambiente escolar de forma dinâmica durante o processo ensino-aprendizagem, buscando contemplar o maior número de adolescentes possíveis, por meio da mídia digital.

A experiência adquirida neste trabalho trouxe aos extensionistas uma visão ampliada da realidade do trabalho de educação em saúde, com o foco no processo aprendizagem, a fim de enriquecer nossas vivências e propor reflexões sobre o que nos cerca e é próximo, enquanto futuros profissionais de enfermagem e sobre a devolutiva a comunidade, visto que “a Extensão tem importante significado sobre a formação acadêmica, em especial na formação do enfermeiro, servindo como um modelo de atenção humanizada [...]” (OLIVEIRA & ALMEIDA JÚNIOR, 2015).

Para o desenvolvimento deste trabalho, dois extensionistas foram contemplados com bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) pelo Programa de Extensão “Lá Fora” pela UNIFESP-EPE, a qual uma delas foi utilizada como fomento para o desenvolvimento deste trabalho. Além disso, o desenvolvimento destas ações permitiu uma parceria entre o Programa de Extensão “Lá Fora”, CIC (Centro de Integração da Cidadania) e a escola onde foi realizada a oficina de forma a reconhecer a rede de apoio e melhorar articulação entre universidade-comunidade, com possibilidade de ampliar este modelo de ação para outros espaços.

Submetido em 03 abril 2017

Aceito em 06 jun. 2018

REFERÊNCIAS

ABEn. Rev Adolescer : compreender, atuar, acolher. Brasília: ABEn; 2001. Disponível em: < <http://www.abennacional.org.br/revista/sumario.html> >. Acesso em: 5 jan. 2017.

ALBUQUERQUE, G. A. et al.. Saberes e práticas sexuais de adolescentes do sexo masculino: impactos na saúde. R. Enferm. Cent. O. Min. 2014 mai/ago; 4(2): 1146-1160. Disponível em: < <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/download/588/750> >

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm >. Acesso em: 12 jan. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília:MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> >. Acesso em: 11 jan. 2017

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e Prevenção nas Escolas: guia para a formação de profissionais da saúde e educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: < https://www.unicef.org/brazil/pt/SPE_Guia_Formacao.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2017.

COSTA, G. M.; FIGUEREDO, R. C.; RIBEIRO, M. S.. A importância do enfermeiro junto ao pse nas ações de educação em saúde em uma escola municipal de Gurupi – TO. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.6, n2, Pub.6, Abr 2013. Disponível em:<<http://www.itpac.br/arquivos/Revista/62/6.pdf> >. Acesso em: 10 jan. 2017.

COSTA, R. F. et al . Redes de apoio ao adolescente no contexto do cuidado à saúde: interface entre saúde, família e educação. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 49, n. 5, p. 741-747, out. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342015000500741&lng=pt&nrm=iso >. acesso em 18 jan. 2017.

CARDOSO, D. M.; SILVA, M. R. S.. Uma análise sobre a sexualidade e a influência da mídia na adolescência: identidade cultural contemporânea entre adolescentes de uma escola de Belém. Artíficos. Revista do Difere, v.3,n. 6, dez 2013. Disponível em:<<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Revista6/artigo%20Denise%20Cardoso.pdf> >. Acesso em: 11 jan. 2017.

EINSENSTEIN, E.. Adolescência: definições, conceitos e critérios. Revista Adolescência e Saúde, v. 2, n. 2, Jun 2005. Disponível em: < http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167 >. Acesso em: 22 nov. 2016.

LIMA, F. C. A. et al. A experiência e atitudes de adolescentes frente à sexualidade. Mundo Saúde, São Paulo – 2013; 37(4): 385-393. Disponível em:< http://bvsm.sau.gov.br/bvs/artigos/mundo_sau/experiencia_atitudes_adolescentesfrente_sexualidade.pdf >. Acesso em: 11 mar. 2017.

MACEDO, E. O. S; CONCEIÇÃO, M. I G.. Significações sobre adolescência e saúde entre participantes de um grupo educativo de adolescentes. Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 35, n. 4, p. 1059-1073, dez. 2015. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932015000401059&lng=pt&nrm=iso >. Acesso em: 12 mar. 2017.

MOREIRA, B. Loitezenbauer R., FOLMER, V.. Educação sexual na escola: construção e aplicação de material de apoio. Exp. Ensino de Ciências (UFRGS), v. 06, p. 151-160, 2011. Disponível em: <http://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID153/v6_n2_a2011.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2017.

OLIVEIRA, F.L. B.; ALMEIDA JÚNIOR, J.J.. Extensão universitária: contribuições na formação de discentes de enfermagem. Rev. Bras. Pesq. Saúde, Vitória, 17(1): 19-24, jan-mar, 2015. Disponível: < <http://periodicos.ufes.br/RBPS/article/viewFile/12445/8655> >. Acesso em: 30 jan. 2017.

PALMA, Y. A.; PIASON, A.S; MANSO, A. G.; STREY, M. N. Parâmetros curriculares nacionais: um estudo sobre orientação sexual, gênero e escola no Brasil. *Tem. Psicol.*, v. 23, n. 3, 727-738, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n3/v23n3a16.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

PATIAS, N.D. et al. A família como um dos fatores de risco e de proteção nas situações de gestação e maternidade na adolescência. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v.13, n.2, p. 586-610, 2013. Disponível em: < <http://pepsic.bv.salud.org/pdf/epp/v13n2/v13n2a11.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

RUSSO, K.; ARREGUY, M. E. Projeto “Saúde e Prevenção das Escolas”: percepções de professores e alunos sobre a distribuição de preservativos masculinos no ambiente escolar. *Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 25 [2]: 501-523, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/physis/v25n2/0103-7331-physis-25-02-00501.pdf>>. Acesso em: 09 jan 2017.

SILVA, G S; LOURDES, L.A.; BARROSO, K. A.; GUEDES, H. M. Comportamento sexual de adolescentes escolares. *Rev. Min. Enferm.* 2015 jan/mar; 19(1): 154-160. Disponível em: < <http://www.reme.org.br/exportar-pdf/993/v19n1a13.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SOARES, T. M.S. et al. Educação sexual para adolescentes: aliança entre escola e enfermagem/saúde. *Rev. Espaço para a Saúde*, Londrina, v.16, n.3: p 47-52, jul/set 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/download/20019/17270>>. Acesso em: 09 jan. 2017.

VIERA, P M.; MATSKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Rev. Bras. Educ.* vol.22 no.69. Rio de Janeiro. Abr./jun. 2017. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0453.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Young people’s health – a challenge for society. Geneva, Switzerland 1986. Disponível em: < http://apps.who.in/iris/bitstream/10665/41720/1/WHO_TRS_731.pdf> . Acesso em: 22 nov. 2016.